

Automedicação e atenção farmacêutica sobre analgésicos em drogaria de Montes Claros - MG

Davidson Vinícius Rodrigues Silva¹; Wesley Danilo Evangelista¹; Helen Ferreira Mota; Bárbara Caroline Ferreira Mota²; Vanessa de Andrade Royo^{1,2}

¹Faculdade de Saúde Ibituruna - FASI, Montes Claros - MG, Brasil

²Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros - MG, Brasil

RESUMO

Os analgésicos são os remédios mais vendidos no Brasil e o seu uso indiscriminado e excessivo pode expor as pessoas a efeitos colaterais sérios e interações perigosas. Neste contexto, a atenção farmacêutica configura-se como uma prática recente que tem como objetivos acompanhar, aconselhar e educar sobre o bom uso dos medicamentos. Portanto, este estudo foi realizado no intuito de definir o perfil do consumo de analgésicos e verificar a qualidade da atenção farmacêutica em uma drogaria de Montes Claros - MG. Trata-se de um estudo descritivo quantitativo, constituído de uma amostra de 100 indivíduos que foram selecionados aleatoriamente. Foi aplicado um questionário estruturado referente à utilização de analgésicos e associações de medicamentos, bem como sobre a forma como os clientes são orientados na Drogaria. Os resultados demonstram que cerca de 70% dos entrevistados utilizam analgésicos sem prescrição médica e que a indicação de amigos e parentes é o principal motivador da automedicação. Os clientes, além de ignorarem os riscos da automedicação de analgésicos, desconhecem a possibilidade de interações medicamentosas. Dessa forma, é evidente a necessidade de que seja difundida a atenção farmacêutica no Brasil baseada na busca pela saúde e bem-estar dos pacientes.

Palavras-chave: Automedicação. Atenção farmacêutica. Analgésicos. Associação medicamentosa.

INTRODUÇÃO

Os analgésicos são medicamentos que apresentam a função de aliviar a dor, podendo agir periféricamente, no local da dor ou no sistema nervoso central. Eles promovem o bloqueio dos estímulos dolorosos ou interferem na forma como o cérebro interpreta esses estímulos, sem causar anestesia ou perda da consciência, podendo ser divididos em dois grupos: narcóticos e não narcóticos (MIYAKE *et al.*, 1998). Os analgésicos narcóticos ou opioides são indicados no tratamento de dor intensa e crônica e os não narcóticos para dor leve e moderada (KOROLKOVAS ; BURCKHALTER, 1988).

Os analgésicos são os remédios mais vendidos no Brasil e o seu uso indiscriminado e excessivo pode expor as pessoas a efeitos colaterais sérios e interações perigosas (SOUZA *et al.*, 2008). Nesse contexto, a atenção farmacêutica configura-se como uma prática recente que tem como objetivo acompanhar, aconselhar e educar sobre o bom uso dos medicamentos (STORPIRTIS *et al.*, 2008).

De acordo com Lima e Rodrigues (2008), há uma grande disponibilidade de fármacos no mercado que são vendidos sem prescrição médica. Dessa forma, o profissional farmacêutico deve trabalhar junto ao paciente, buscando resultados concretos e melhoria da qualidade de vida dos mesmos. Esses resultados são baseados na cura da doença, na redução ou eliminação dos sintomas, no controle ou diminuição do progresso da doença e na prevenção de um processo patológico (BISSON, 2007).

Segundo a Organização Mundial de Saúde e o Ministério da Saúde, o mercado brasileiro dispõe de mais de 32 mil medicamentos que não poderiam ser vendidos sem a apresentação da receita, porém esta é dispensada de forma indiscriminada pelas farmácias favorecendo a automedicação (CERQUEIRA *et al.*, 2005). Essa prática aumenta o risco das interações medicamentosas, as quais podem reduzir o efeito terapêutico e/ou aumentar a toxicidade do medicamento, levando a problemas graves de saúde (ARRAIS *et al.*, 1997).

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de

80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação devido a fatores como: insuficiência de informação, pouca oferta de medicamentos, não obrigatoriedade da apresentação da receita médica e disponibilidade em estabelecimentos não farmacêuticos (VITOR *et al.*, 2008). Portanto, fazem-se necessários estudos no intuito de definir o consumo de analgésicos, uma vez que não são comuns pesquisas que avaliem o uso, o conhecimento e os riscos da utilização de analgésicos na população (ALVES *et al.*, 2011).

Assim, o objetivo primário desse estudo foi definir o perfil do consumo de analgésicos e verificar a qualidade da atenção farmacêutica em uma drogaria de Montes Claros - MG.

MÉTODOS

Este trabalho foi realizado em uma Drogaria no Município de Montes Claros - MG, no mês de março de 2011, por meio de pesquisa do tipo descritiva, quantitativa. A amostra da pesquisa incluiu pessoas de ambos os sexos, maiores de idade, responsáveis pela sua medicação e que residiam na área próxima ao estabelecimento farmacêutico investigado, perfazendo um total de 100 indivíduos, selecionados aleatoriamente. Após concordarem em participar da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, foi aplicado um questionário estruturado, cujas variáveis utilizadas referiam-se à idade, utilização de analgésicos e associações de medicamentos, bem como sobre a forma como os clientes são orientados na Drogaria. A aplicação do questionário ocorreu

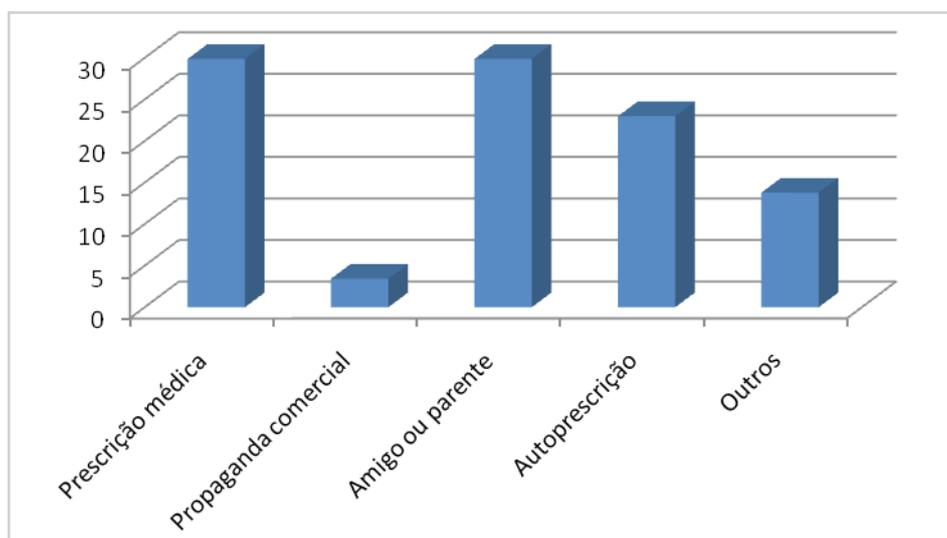
nas dependências da Drogaria, obedecendo ao seu horário de funcionamento. Os dados obtidos foram agrupados e analisados através de porcentagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos demonstraram que 64% dos entrevistados fazem uso de analgésicos, 30% utilizam às vezes e 6% afirmaram que em hipótese nenhuma consomem esses medicamentos. A elevada porcentagem de medicamentos observada nesta investigação parece ser comparável com achados anteriores e que merece atenção dos profissionais da área de saúde (BARAT; ANDREASEN; DAMSGAARD, 2001; HANLON; SCHMADER; RUBY; WEINBERGER, 2000). O perfil da idade dos entrevistados compreendia entre 22 e 84 anos. Eles foram categóricos em dizer que utilizam analgésicos para vários problemas como: dor de cabeça, dor muscular, cólicas, inflamações de dente, entre outros. De acordo com Vitor *et al.*, (2008) o uso de fármacos considerados comuns pela população, como os analgésicos e anti-inflamatórios, pode implicar em problemas como a resistência bacteriana, hipersensibilidade, dependência e problemas gastrointestinais.

Em relação ao conhecimento e decisão sobre quais analgésicos utilizarem, foram levantados alguns meios que corroboram com a automedicação, conforme apresentado no gráfico 1. Foi possível observar que cerca de 70% dos indivíduos adquirem analgésicos sem prescrição médica e não possuem conhecimento sobre os riscos das associações medicamentosas.

Gráfico 1 - Número em porcentagem dos meios ou fatores que influenciam na automedicação



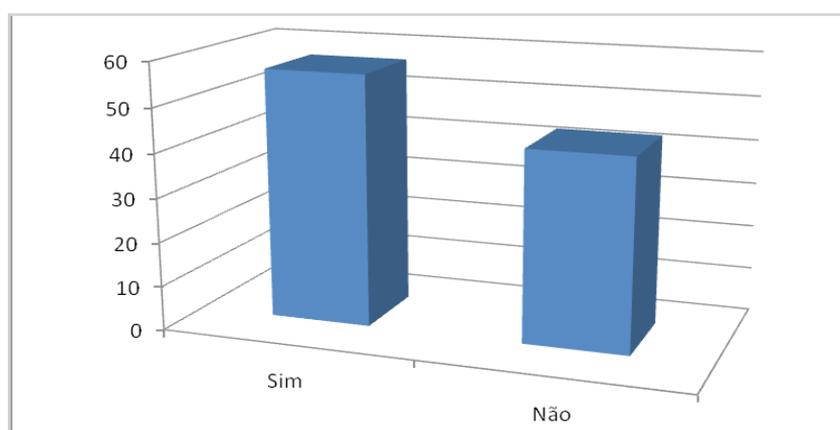
Fonte: Autoria própria (2012)

Estes resultados sustentam a cultura de automedicação que existe no Brasil há vários anos, como podemos observar em Vilarino *et al.*, (1998) e Alves *et al.*, (2011). Segundo os autores, os analgésicos se encontram entre um dos grupos de medicamentos mais utilizados sem prescrição médica. Além disso, conforme gráfico 1, mais de 50% dos usuários são orientados por amigos e/ou família ou por conta própria, fato que pode estar associado à dificuldade de acesso ao profissional médico, baixo índice de escolaridade e questões socioeconômicas.

Os profissionais farmacêuticos, responsáveis pela dispensação de medicamentos e instrução quanto ao uso racional e preventivo, foram avaliados no intuito de constatar a sua

eficiência na atenção farmacêutica de analgésicos. Dos entrevistados, 56,84% disseram que são orientados pelo farmacêutico somente quanto à forma de utilização, sendo que o restante, 43,16%, responderam que não são orientados (Gráfico 2). Nesse sentido, pode-se observar que a proposta elaborada pelo consenso defende que a prática farmacêutica deve estar orientada para a educação em saúde, que vai além da forma de utilização dos medicamentos. Os achados desse estudo contradizem essa proposta, pois os resultados sugerem que os farmacêuticos que atuam nessa farmácia não se adequam ao novo contexto da prática farmacêutica, que se refere à preocupação com o bem-estar do paciente.

Gráfico 2 - Número em porcentagem dos entrevistados que recebem orientações do farmacêutico

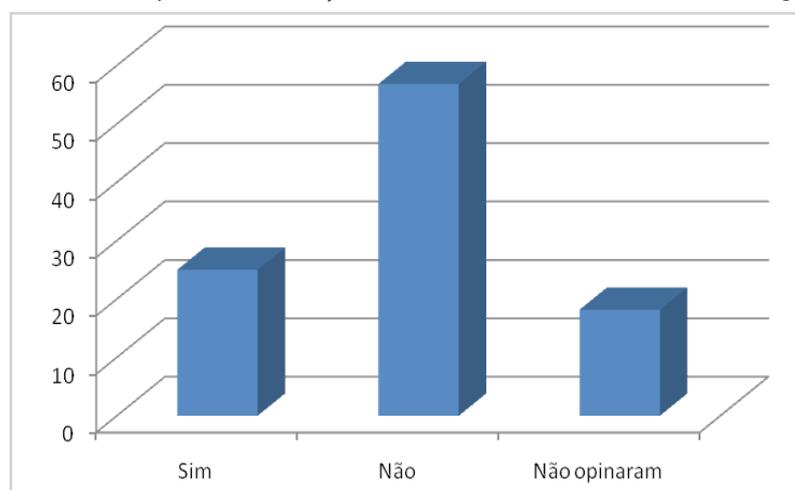


Fonte: Autoria própria (2012)

Quando os entrevistados foram questionados sobre o recebimento de informações das possíveis interações medicamentosas associadas aos analgésicos, somente 25% responderam sim,

que recebem esse tipo de informação; 56,84% responderam não e 18,16% não opinaram, implicando que a prática farmacêutica, nesse âmbito investigado, tem deixado a desejar.

Gráfico 3 - Número em porcentagem dos entrevistados que recebem informação do farmacêutico das possíveis interações medicamentosas associadas aos analgésicos



Fonte: Autoria própria (2012)

Estudos realizados por Vieira (2007) sugerem que o farmacêutico deve trabalhar de acordo com três pontos básicos: reorientação do serviço de farmácia, desenvolvimento das habilidades das comunidades e incentivo aos indivíduos à ação comunitária. Ainda de acordo com Oliveira *et al.*, (2005), a postura adequada do profissional farmacêutico deve apresentar conhecimento, empenho e responsabilidade, baseados numa formação sólida e na experiência do cotidiano.

Dessa forma, ele está muito distante do cliente que prioritariamente é um paciente e não segue a metodologia de formação quanto à atenção farmacêutica, conforme preconizado pelo Código de Ética Farmacêutica Brasileiro (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2004).

CONCLUSÃO

A automedicação é uma prática comum presente em toda sociedade, que abrange culturas e níveis socioeconômicos variados. Na Drogeria em estudo, o uso dos analgésicos é indiscriminado devido à falta de conhecimento dos usuários sobre os efeitos colaterais e possíveis associações medicamentosas, instrução ineficaz dos profissionais farmacêuticos e atuação pouco efetiva da legislação pertinente.

É evidente a necessidade de que seja difundida a atenção farmacêutica no Brasil, de forma a evitar as ocorrências de possíveis problemas aos pacientes e conseqüentemente as instituições de saúde, pois se o medicamento for ingerido de forma adequada, os gastos públicos com problemas de saúde podem ser evitados.

Assim, cabe ao Ministério da Saúde e demais órgãos relacionados assumirem um papel de destaque no processo de construção do modelo brasileiro de atenção farmacêutica, que deve ser baseado na busca pela saúde e bem-estar dos pacientes por meio da orientação sobre os efeitos colaterais e possíveis interações medicamentosas.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. S.; LACERDA, J. S. J.; MATIAS, T. C.; ALMEIDA, J. M.; BRITO, B. G.; BORLINI, P. G.; BEIJAMINI, V. Estudo do uso de analgésico por crianças e adolescentes de uma escola pública. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, v.13, n.3, p. 36-42, 2011.

ARRAIS, P. S. D.; COELHO, H. L. L.; BATISTA, M. C. D. S.; CARVALHO, M. L.; RIGHI, R. E.; ARNAU, J.M. Perfil da automedicação no Brasil. *Revista Saúde Pública*, v.31, n.1, p. 71-77, 1997.

BARAT, I.; ANDREASEN, F.; DAMSGAARD, E. M. Pharmacoepidemiology and prescription: the living in their own homes. *Eur J. Clin Pharmacol out patients. J Am Geriatr Soc*, v. 49, n. 2, p. 200-9, 2001.

BISSON, M. P. *Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica*. 2.ed. Barueri - SP: Editora Manole, v.1., 371 p, 2007.

CERQUEIRA, G. S.; DINIZ, M. F. F. M.; LUCENA, G. P.; DANTAS, A. F.; LIME, G. M. B. Perfil da automedicação em acadêmicos de enfermagem na cidade de João Pessoa. *Conceitos*, v. 6, p. 223-29, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Código de Ética Farmacêutica. Brasília: Resolução 417 de setembro de 2004.

HANLON, J. T.; SCHMADER, K. E.; RUBY, C. M.; WEINBERGER, M. Suboptimal prescribing in older inpatients and outpatients. *J Am Geriatr Soc*, v. 56, n. 6-7, p. 501-9, 2000.

KOROLKOVAS, A; BURCKHALTER, J. H. *Química Farmacêutica*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1988. 783 p.

MIYAKE, R.S.; REIS, A.G.; GRISI, S. Sedação e analgesia em crianças. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 44, n. 1, p. 56-64, 1998.

OLIVEIRA, A.B.; OYAKAWA, C.N.; MIGUEL, M.D.; ZANIN, S.M.W.; MONTRUCCHIO, D. P. Obstáculos da atenção farmacêutica no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, v. 41, n. 4, 2005.

SOUZA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. *Revista Eletrônica de Farmácia*, v. 5, n. 1, p. 67-72, 2008.

VIEIRA, F. S. Possibilidades de contribuição do farmacêutico para a promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 1, p. 213-220, 2007.

VILARINO, J. F.; SOARES, I. C.; SILVEIRA, C. M.; RÖDEL, A. P. P.; BORTOLI, R.; LEMOS, R. R. Perfil da automedicação em município do sul do Brasil. *Revista Saúde Pública*, v. 32, n.1, p. 43-49, 1998.

VITOR, R.S.; LOPES, C.P.; MENEZES, H.S.; KERKHOFF, C.E. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 13, p. 737-743, 2008.